

## **ESCADA EVOLUTIVA**

**«Estreita é a porta e apertado é o caminho que conduzem à Vida eterna»**

Após milhões de milênios, o Homem afundou-se na selva do mundo material e perdeu-se no labirinto de conceitos, sentimentos, postulados, tomando o irreal pelo real e não conseguiu, no emaranhado labirinto, dar com a saída que voltaria a trazê-lo de novo à plena luz real.

Alguns, com porfiada vontade e determinação, foram cortando as amarras e lianas à força de sacrifícios desentorpecedores de forma a clarear o caminho e conseguiram, com extrema dor e abnegação, encontrar o caminho estreito que os conduziu àquela porta apertadíssima que os libertou das garras do monstro da ignorância e do cárcere espinhoso da ilusão.

Estes venceram o ciclo da vida e da morte e alcançaram a vida eterna, a desmaterialização da sua alma plena de liberdade em que não há caminhos nem portas estreitas mas o espaço infinito da consciencialização do Divino.

Para realizarmos em nós este processo individual sabemos desde já que são muito poucos, de cada vez, os que o conseguem consumir por árduo e doloroso trabalho interno.

Trata-se da transição de um estado simples e ignorante estabelecido desde o princípio e que, perante a experiência evolutiva através de vidas sucessivas nos mundos da forma, leva à modificação do ego físico, mental e emocional pelo conhecimento adquirido e a um novo estado quase desconhecido, e por isso difícil, que cria as condições necessárias para a manifestação expressa do nosso Cristo interno.

O nosso Cristo interno é o símbolo da doutrina que Jesus Cristo (Cristo quer dizer Messias, ungido, escolhido) ensinou ao mundo e que se resume em amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

Amar os nossos inimigos é fácil para Jesus cristificado, porém muito difícil mesmo para qualquer discípulo não consciente dessa doutrina.

Disciplina e discípulo têm a mesma raiz etimológica sendo o discípulo “aquele que segue”.

O que se tornou finalmente fácil para o mestre é extremamente difícil e doloroso para o aprendiz.

Tudo que provém do nosso ego personal no mundo dos sentidos, da mente e das emoções, é fácil para nós porque é rotina de longa data.

É fácil ouvir elogios, ser estimado, amado, aplaudido como um super-homem, talento ou gênio, porque tudo isso acaricia o nosso velho ego físico, mental e emocional.

Esta área não requer disciplina, isto é, a arte de aprender, de perseguir o conhecimento, porque todas estas coisas se desenrolam em nós com automática facilidade.

No entanto, é difícil e doloroso abrir mão das nossas posses materiais, dos nossos prazeres, dos elogios e da admiração dos nossos semelhantes, porque estas coisas não se referem ao nosso eu espiritual, estando ainda em atraso na consciência da sensibilidade do real que somos.

O nosso eu espiritual é, para a maior parte dos Homens, a grande incógnita, objecto apenas de crença e onde só pouquíssimos têm experiência própria, porque aqui se requer disciplina, a arte de aprender, de ser aprendiz ou discípulo.

Os grandes mestres espirituais conheciam, por experiência própria, essa faixa maravilhosa. Em face da sua fascinante grandeza e beleza interna, perdiam o interesse pelas coisas do mundo externo.

Eles são os sábios do espírito, nós, os analfabetos da grande realidade.

Realistas são esses grandes iniciados no mundo da suprema realidade.

Nós somos os pseudo-realistas, inacreditável paradoxo. Quanto mais abrimos os olhos para ver, menos vemos. Quanto mais fechamos os olhos para ver, mais vemos.

E tudo porque só em plena escuridão e silêncio se toma a verdadeira consciência da luz quando esta irrompe.

Preliminarmente para o saber, está o crer.

Crer é algo penúltimo, saber é último.

É necessário crer, mas insuficiente.

Ninguém pode saber, sem que primeiro creia.

Entre o crer e o saber, está a vivenciação.

Se é difícil para o Homem inteligente crer, difícilíssimo se torna para o Homem crente, saber.

Com o despontar da crença começa uma espécie de agonia para o orgulhoso inteligir mental do Homem porque este se vê obrigado a aceitar algo que começa a tornar-se evidente e não tendo possibilidade de o analisar e testar cientificamente, torna-se humilhante para o seu intelecto.

A agonia não vai terminar com a morte total do ego, mas sim com a sua transformação.

Dá-se a transformação total com a transição do crer para o saber, após vivências dolorosamente experienciais na forma.

O conhecimento externo dá lugar ao desenvolvimento do intelecto que se traduz em variadas crenças. A sua experiência da suprema realidade devorou todas as irrealidades do plano do inteligir e do crer.

Muitos são os profanos, poucos os iniciados, pouquíssimos os realizados.

Torna-se muito difícil passar do inteligir para o crer e do crer para o saber.

O inteligir, ou compreensão mental, é terreno batido, conhecido, denso e firme, ao passo que o crer é terreno de mistério, incerto, subtil, e o saber é algo desconhecido até então para a maior parte da humanidade.

O crer é, ao fim e ao cabo, uma ponte misteriosa entre o mundo conhecido pelos órgãos sensoriais e um mundo espiritual desconhecido. É uma visão longínqua da suprema realidade, é a voz nebulosa da nossa origem, o eco infinito dentro do nosso finito.

O Homem é essencialmente divino embora, em consciência, a sua divindade se encontre, por agora, em estado potencial de latência.

Quando conseguir perceber, pela voz insonora de Deus, o acordar da reminiscência da sua origem Divina, tornar-se-á consciente do seu eu superior e então o crer passará a dar lugar ao saber.

O que falta ao crer, para culminar no saber, é enveredar pelo mais apertado de todos os caminhos para chegar à mais estreita de todas as portas e penetrar nela tal como passar pelo fundo da agulha, despojando-se de toda a materialidade que o envolvia.

Conhecer a Deus é conhecer a verdade, por isso Jesus nos diz: «Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará» (Jo 8,32).

Neste contexto também Jesus sapientemente nos adverte: «Assim, pois, qualquer de vós que não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo» (Lc 14,33).

O ser nu, livre de todas as impurezas aderentes do ter, é o passo definitivo que leva o Homem à plenitude do saber e lhe franqueia a porta estreita da vida eterna.

Podemos chamar, a este passo, a morte mística e esse é o destino de todos nós.

Para seguir tal caminho é preciso que se tenha a humildade de perceber como somos tão pequeninos perante a grandeza da criação.

E são os apóstolos que, na sua infantil compreensão dos valores do espírito, em determinado momento perguntam a Jesus: “Quem de entre nós é o maior?” Os valores do príncipe deste mundo ainda eram, nesta altura, o soberano dos apóstolos.

E Jesus responde: «E qualquer que dentre vós quiser ser o primeiro será servo de todos» (Mc 10,44).

Jesus não só ensinou como exemplificou na prática, ao lavar os pés aos apóstolos na última ceia.

Desde o princípio, em que recebeu o livre arbítrio e a inteligência, que o Homem se foi afastando da sua natureza espiritual, aceitando como real a criação material que o envolvia,

tentando denodadamente dominá-la até atingir a presente era atômica, em que se tem como senhor do mundo.

Devido ao avanço tecnológico ele sente-se cada vez mais soberano do mundo, graças ao poder que lhe foi outorgado pela divindade.

O intelecto, sem cuidar que todo este progresso científico deveria ser posto ao serviço do bem-estar e felicidade do Homem, tem servido para ampliar a sua personalidade dominadora, eivada de orgulho frio, vaidade, egoísmo e agressividade.

Não foi por acaso que Jesus lhe chamou o príncipe deste mundo.

Por isso o Homem não olha a meios para conseguir sobrepor-se, quer em poder económico, quer em poder político, esmagando tudo que se interponha, sem quaisquer resquícios de escrúpulos, porque esta é a sua verdade e desconhece os reais valores do espírito.

Funesta ilusão do Homem.

A verdadeira grandeza do Homem está na consciência de se saber e sentir servidor de algo que o transcende.

A consciência de serviço voluntário, como cooperador dos altos desígnios Divinos, enche o Homem de profunda reverência e sacralidade, constituindo a sua felicidade intensa e sólida, envolvido em inefável vibração do amor de Deus.

Nisto está a grandeza do ser, em contraste com a pequenez do ter.

Este Homem não se sente como alguém que faz grandes coisas, mas como alguém através do qual grandes coisas são feitas, por sua própria permissão consciente.

Permite, precisamente porque criou a vontade de querer servir naturalmente.

Este Homem torna-se passivo, receptivo à vontade da divindade e subordina-se à jubilosa razão transcendente e, por conseguinte, por ele flui o poder do Creador que vive nele e nele encontra campo para que, ao seu redor, os outros homens encontrem paz, apoio, sabedoria, justiça e amor.

Este Homem perdeu o medo porque alcançou a liberdade que a verdade lhe conferiu e pela sua boca saem palavras que confortam.

Palavras que confortam mas que também incomodam e criam rancor dos que são abastados e prisioneiros das coisas do mundo.

É necessário que o Homem saia da sua longa doença de querer ser servido, para a vigorosa saúde de querer servir.

É necessário que adquira a consciência cósmica de ser um servidor incondicional do misterioso espírito que rege o universo e, quando a adquire, entra pela porta da imortalidade perene.

Diz-nos a história que todos os homens que se devotaram a servir, conhecidos e desconhecidos, que foram e são grandes, adquiriram a suprema grandeza ao servirem voluntariamente o poder infinito porque se inebriaram do amor ao próximo.

Transformar pois o nosso eu inferior, é imprescindível para se vencer as trevas da ilusão, dando lugar à supremacia do nosso eu superior, iluminando-nos e iluminando todos aqueles que de nós se aproximam.

Por isso diz Jesus, em resposta à pergunta dos apóstolos, quem de entre eles quiser ser grande seja o servidor de todos.

Para que o Homem possa compreender tão estranha sabedoria, completamente oposta a todos os padrões da vida actual em nosso mundo, terá que ultrapassar uma fronteira dentro de si mesmo, fronteira de que o profano nada sabe, e este nada saber é a sua pequenez e a sua infelicidade.

Resta-nos a íntima alegria de sabermos que, em algum dia, no momento certo, todos viremos a saber pois foi essa a grande mensagem do mestre.

Também está escrito que nada está oculto que não venha a ser conhecido.

Nessa altura compreenderemos profundamente a verdade oculta das palavras: «Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é necessário auxiliar os enfermos e recordar as palavras do Senhor Jesus, que disse: Mais bem-aventurada coisa é dar que receber» (Act 20,35).

Creemos plenamente na promessa da esperança Divina, anunciada por Jesus, de uma vida eterna plena de amor e sabedoria e por isso te amamos, nosso Deus e Senhor.

25-12-1985 Abrame